

JORNAL PRODOURO

Especial Vinha Velha

1965



Fotografia de António Magalhães

Editorial

Parabéns ao Douro pelo seu 18º aniversário como Património da Humanidade. Atingimos a maioridade, é tempo de ter juízo.

Como prometido dedicamos esta edição à vinha velha e nada melhor do que o dia em que se festeja a integração do Douro na Lista de Bens Património Mundial, na categoria de Paisagem Cultural, Evolutiva e Viva, para o fazer.

A 14 de Dezembro de 2001, o Alto Douro Vinhateiro (ADV) viu o seu lugar consagrado no mundo, por decisão do Comité do Património Mundial que na sua 25ª sessão o reconheceu como, Valor Universal Excepcional por se enquadrar nos seguintes critérios:

“(iii) constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida

(iv) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitectónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana

(v) ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interacção humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis.” Na prática cada um destes critérios se traduz na região da seguinte forma:

“(iii) o ADV produz vinho desde há cerca de dois mil anos e a sua paisagem foi moldada pelas actividades humanas. O ADV fornece um testemunho excepcional de uma tradição cultural viva associada à produção do vinho, com evidentes marcas históricas na paisagem.

(iv) As componentes da paisagem do ADV são representativas do completo leque de actividades associadas à produção vitivinícola - terraços, quintas, aglomerados, capelas, estradas e caminhos. A paisagem do ADV apresenta uma diversidade de tipologias de implantação dos vinhedos, rede de caminhos, e muros de xisto, que se traduzem numa paisagem tecnológica singular e excepcional. (v) A paisagem cultural do ADV constitui um excepcional exemplo de uma região vitivinícola tradicional europeia, reflectindo a evolução desta actividade humana através do tempo. O ADV, no contexto das regiões vitícolas europeias de montanha é a maior, a mais histórica, a mais contínua e aquela que possui a maior diversidade biológica de vinhos. A paisagem expressa as soluções decorrentes das alterações tecnológicas num contexto evolutivo de relação do homem com a natureza.”



Tudo isto se pode ler no site da UNESCO e no alerta lançado pela ICOMOS a 31 de Outubro de 2019 a propósito do perigo eminente que representam os pedidos de direitos de prospecção e pesquisa de minerais de ouro, prata, chumbo, zinco, cobre, lítio, tungsténio, estanho e outros depósitos minerais ferrosos e minerais metálicos associados numa área de 500 Km2 dentro da área do ADV. Aconselhamos a leitura e a reflexão atenta também para este tema.

Ao longo desta edição vamos desmistificar de uma vez por todas o verdadeiro significado do predicado “vinhas velhas” e acreditamos que no fim da sua leitura, se ainda não estiver convencido, passará certamente a estar.

No documento da ICOMOS pode ainda ler-se: “A paisagem do ADV testemunha modos de organização da vinha de diferentes épocas históricas e que reflectem saberes, técnicas, costumes, rituais e crenças tradicionais. Economia – cultura – paisagem constituem, no ADV, uma unidade inequívoca que a população construiu e interiorizou ao longo de séculos. O esforço colectivo “sobre-humano” e monumental é traduzido sensorialmente numa paisagem inconfundível, uma obra-prima de autor anónimo.”.

Não podíamos estar mais de acordo.



Fotografia de António Magalhães

NESTA EDIÇÃO

**CRONOLOGIA
PRODOURO**

**DEFINIÇÃO DE VINHA
VELHA**

**ARTIGOS DE
OPINIÃO**

**A VINHA VELHA
NO MUNDO**

VINHA-VELHA

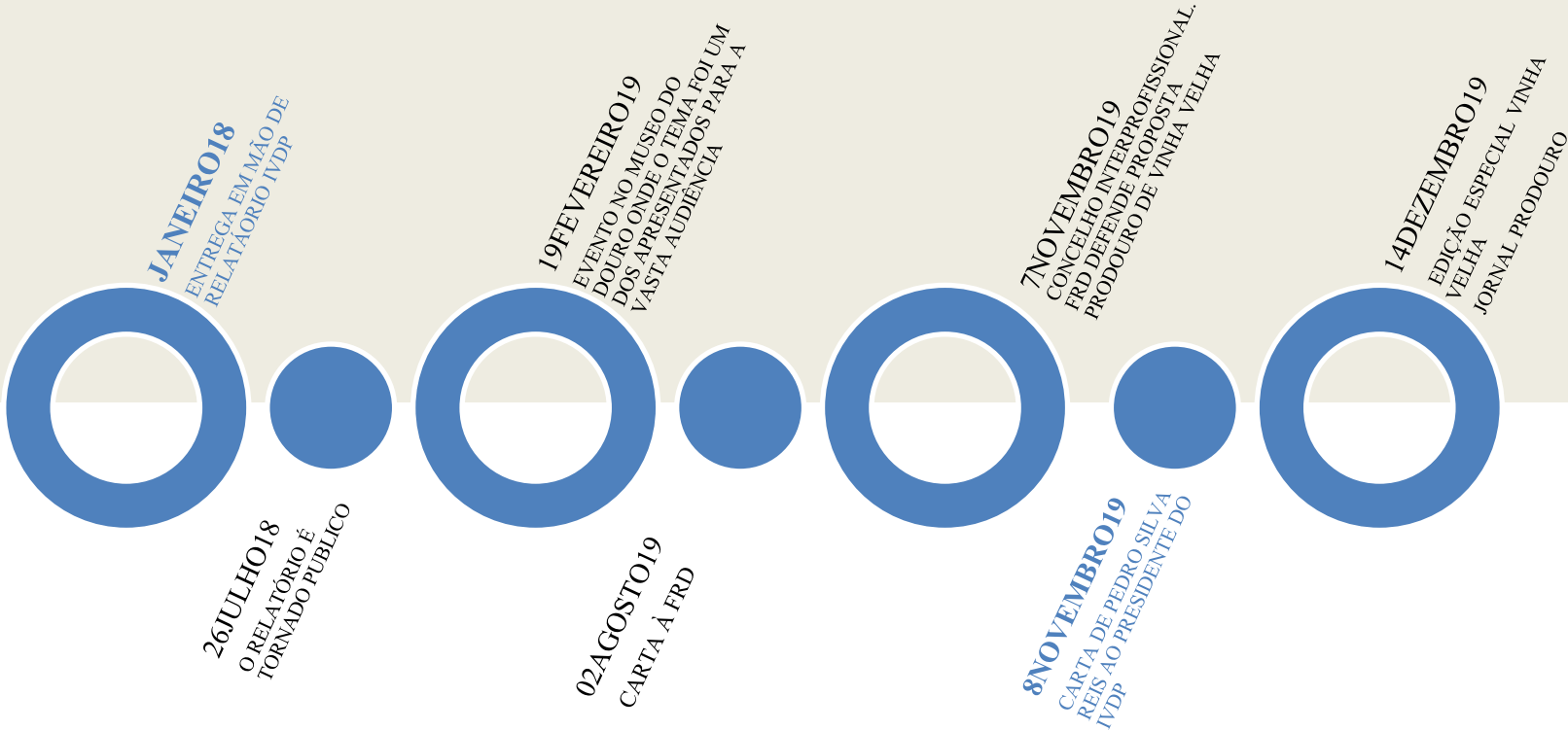
Cronologia da acção ProDouro na defesa da Vinha Velha

PRODOURO

No dia 26 de Junho de 2018 a ProDouro tornou público o relatório de trabalho «VINHA VELHA — Contribuição para a discussão de um novo predicado de vinho na RDD». No relatório explicamos o nosso ponto de vista sobre a definição de uma «vinha velha» e inquirimos os vitivinicultores sobre ele. Também tínhamos entregue em mão em Janeiro anterior e posteriormente por correio electrónico no IVDP a nossa proposta para definir uma vinha velha no Douro. A discussão é nova, mas o assunto é velho e, em assuntos por resolver, o Douro vinhateiro é pródigo.

Entretanto o assunto «vinha velha» esmoreceu, ou parecia ter esmorecido, no IVDP. Surpreendentemente, o Instituto agendou a discussão do assunto, embora, ignorasse à partida a ideia da ProDouro sobre o assunto. Pareceu mesmo que nunca a recebeu ou sequer, ouviu falar dela. A proposta do IVDP foi uma completa desilusão para nós: paupérrima, dúbia, e pior, lesiva dos interesses dos vitivinicultores da RDD que anseiam ver a sua vinha velha reconhecida, valorizada e, consequentemente, preservada, bem como almejam que o consumidor anónimo seja «transportado» à vinha na hora de um cálice de vinho do Porto ou de um copo de vinho DO Douro que exiba o predicado «vinha velha».

A ProDouro não desistiu, nem desistirá nunca. Continuaremos sempre a defender este património único que, orgulhemo-nos disso, é MUNDIAL



Fotografia de Ana Aguilar

DEFENIÇÃO DE VINHA VELHA EM
PASSOS 3

1 Idade da Vinha
1965
PROPOSTA PRODOURO

A «vinha velha» corresponde a sucessivas vagas pós-filoxera de plantação de videiras, sendo consideradas «primeiras vinhas pós-filoxera» as que foram plantadas anteriormente a 1934, ano em que pelo **Decreto n.º 23590, de 22 de Fevereiro de 1934** se «proíbe em todo o Continente a plantação de novas vinhas», e pelo **Decreto n.º 24340, de 10 de Agosto de 1934**, se «manda proceder à organização do cadastro das propriedades existentes na zona demarcada do Douro».

Tais vinhas encontram-se no primeiro Cadastro Vitícola da Casa do Douro. Fazer coincidir o conceito «vinha velha» com estas «primeiras vinhas pós-filoxera» poderá expulsar muitas das vinhas que hoje são: (1) uma referência para a viticultura no futuro; (2) um repositório inestimável do património genético das castas nativas e tradicionais; (3) a base de vinhos considerados extraordinários quer DO Porto, quer DO Douro; (4) um inquestionável modelo de vinha do ponto de vista vitivinícola e cujo valor paisagístico valeu a classificação do Alto-Douro vinhateiro Património da Humanidade

Assim, restringir «vinha velha» às vinhas comprovadamente «primeiras vinhas pós-filoxera» pode ser contraproducente face ao objectivo da ProDouro: preservar e valorizar a vinha plantada em socalco pós-filoxera. Desta maneira, perguntamos: o predado «vinha velha» deverá abarcar



todas as vinhas plantadas anteriormente a 1965, sendo ou não consideradas primeiras vinhas pós-filoxera?

O **Decreto-Lei n.º 46256, de 19 de Março de 1965** «suspende as autorizações para novas plantações de vinha, regulamentando a sua reconstituição e transferência». Contudo, após publicação deste Decreto-Lei foram plantadas ilegalmente muitas vinhas a maioria das quais viria a ser legalizada pela Lei nº 48/79, de 14 de Setembro. Na década de 1970 surgiram inclusive novos modelos de vinha e sobretudo entre 1970 e 1974 surgiu o chamado «patamar pré-PDRITM», que apesar de hoje contar mais de quarenta anos de idade, não tem a velhice daquelas ditas «vinha velha» e sobretudo transfigura o modelo de vinha notável até aí existente.

Se consideramos 1965 o ano até ao qual foi plantada uma vinha hoje considerada «vinha velha» e fizermos as contas na vindima de 2019, a mais nova vinha velha tem pelo menos 54 anos e o modelo de vinha é o chamado «socalco pós-filoxera».



Socalcos pós filoxéricos.
Fotografias de Álvaro Martinho



2 SOCALCOS
PÓS-FILOXERA

As vinhas pós-filoxera, ditas «vinha velha», obedecem à unicidade de um modelo de vinha cuja marca distintiva é a arquitectura do terreno em socalcos suportados por muros de pedra posta. O modelo contempla:

A multiplicidade de castas, sendo dominantes, senão exclusivas, as castas nativas e as tradicionais. A mistura de castas é intencional e, em vinhas de uva tinta, pode incluir uma certa percentagem, por norma baixa, de castas de uva branca. A vinha não é regada.

As videiras foram plantadas segundo bardos que correm paralelos aos muros do socalco e são conduzidas de forma baixa e aramada.

O compasso de plantação é variável, mas segundo Álvaro Moreira da Fonseca o mais comum é entre 1,45m2 e 1,74m2, sendo considerada mais vulgar a distância 1,32m (6 palmos) de bardo a bardo e 1,10m (5 palmos) no próprio bardo. A entrelinha é irregular pois é aquela que melhor divide a largura variável do socalco num número certo de bardos. A elevada densidade é característica do socalco pós-filoxera:

5750 a 6900 videiras por hectare útil de vinha.

COMO DEFINIR VINHA VELHA NO ANO CORRENTE DE 2019?

Deve a «vinha velha» do ponto de vista vitícola pressupor a simultaneidade da idade das videiras e o modelo de vinha associado? E assim:

Idade da vinha - Prova-se de forma inequívoca o ano de plantação da vinha. E esse ano é anterior a 1965?

Modelo de vinha - A vinha encontra-se plantada segundo o modelo comumente chamado «socalco pós-filoxera». Ou, apenas se obriga a «vinha velha» à idade anterior a 1965 sem que se encontre associada ao modelo «socalco pós-filoxera»?

De maneira a não excluir as vinhas velhas sem arquitectura do terreno em «socalco pós-filoxera» — mais frequentes em cotas mais altas, por exemplo — admitimos a seguinte definição de «vinha velha» em 2019:

VINHA VELHA vinha plantada até ao ano 1965 segundo o modelo comum «socalco pós-filoxera», embora, por razões de topografia do terreno, possa não ter obrigado à construção de socalcos suportados por muros de pedra posta. Contudo a «vinha velha» em «socalco pós-filoxera» constituirá um subgrupo de eleição que embora não se reflecta no predado enológico (vinho «vinha velha») é objecto de especial atenção com vista à sua valorização e preservação. No caso da constituição deste subgrupo sugerimos chamar-lhe «VINHA VELHA HISTÓRICA».

OPINIÃO

O legado das Vinhas Velhas do Douro

e o que estas representam para o Vinho do Porto

DAVID BRUCE FONSECA GUIMARAENS

Foi com o Vintage 1995 que engarrafamos das Vinhas Velhas da Quinta de Vargellas que comecei a perceber o quanto é que estas vinhas tinham para nos ensinar. Até esse momento as vinhas velhas estavam todas na lista de espera para serem replantadas, tanto pelo trabalho manual que exigem como pela sua baixa produção. Na década de 1990, a atenção da viticultura no Douro estava virada para a mecanização das vinhas e para a otimização individual de meia dúzia de castas.



Aquele primeiro Vargellas Vinha Velha 1995 foi engarrafado pela grande complexidade do vinho, a qual era atribuída à idade elevada das videiras e à muito baixa produção que as caracterizava. Na altura a co-fermentação das castas ou a inclusão de castas que foram eliminadas com as vinhas chamadas do PDRTM nem sequer era tema de conversa.

Os anos foram passando, vários Vintage Vinha Velha da Quinta de Vargellas foram engarrafados, e o tempo mostrou que estas vinhas têm uma personalidade muito própria e única, além da sua complexidade extraordinária. Na comparação com os vinhos produzidos das vinhas da década 1970 e do PDRTM, que apesar de serem bons, encorpados e muito frutados, ressaltava que eram apenas isso, bons, mas não distintivos.

A plantação individual das castas permite-nos compreender melhor cada uma e como otimizar a sua qualidade. No entanto, nenhuma casta por si só é completa, nem organoleticamente, nem fisicamente. Vinificada a sós, ficará sempre manca. A vinha velha, com a sua mistura de castas, possibilita que as castas se complementem na fermentação e originem um vinho mais complexo e mais equilibrado.

Mas nem sempre é assim! Quando num ano vitícola uma ou outra casta tem um comportamento menos favorável, é verdade que a qualidade do vinho é mediana. No entanto, num ano em que todas as castas se portam bem, o vinho dessas vinhas é extraordinário. Se trabalharmos as castas individualmente conseguimos ter maior consistência de qualidade, mas ao mesmo tempo os vinhos tornam-se mais uniformes e menos distintos, exactamente o que acontece com os vinhos do “Novo Mundo”. Será que é isso que queremos dos nossos grandes vinhos

do Douro?

Há outra lição importante das vinhas velhas do Douro: a personalidade da vinha. Todas as nossas vinhas velhas têm um nome que as identifica e conhecemos o carácter e a personalidade do vinho produzido de cada uma delas. Replicar essa individualidade quando trabalhamos com parcelas separadas de castas individuais é quase impossível de conseguir, especialmente quando as vinhas plantadas após 1965 deixaram de fora um vasto conjunto de castas minoritárias, mas que tanto contribuem para a complexidade e personalidade do vinho.

As vinhas da 1ª geração pós-filoxera foram plantadas com uma selecção variada de castas, segundo o critério do viticultor. Essa decisão, indissociável do local onde a vinha foi plantada, criou um vinho com um estilo e uma personalidade própria. Isto é que é o verdadeiro sentido de “Terroir”. O desafio da nossa geração é plantar hoje vinhas não só com a qualidade e harmonia paisagística das vinhas velhas, mas também com a personalidade e individualidade que as distinga. Se não o conseguirmos passaremos a ter todos os vinhos muito iguais



Hoje vive-se mais uma vez obcecado com a mecanização das vinhas, com o medo ancestral da falta de mão-de-obra. Se virássemos a atenção para a valorização das uvas e dos vinhos que vendemos, talvez tivéssemos os meios económicos necessários para manter os princípios do modelo de vinha que temos nas vinhas velhas e assim manter a identidade tão distinta da nossa região.

Uma de duas crias de corujas do mato (Srix Aluco) resgatadas em Abril de 2011 na Quinta da Terrafeita. Aninha-se junto a uma magnífica videira de Mourisco Tinto, que provavelmente continuará a visitar em horas mais discretas, uma vez que mais tarde, nesse dia, regressou com a sua irmã ao conforto do ninho. Fotografia de António Magalhães



Vinha Velha

Património a Preservar

CARLOS MANUEL FONSECA DO VAL

Uma “vinha velha” é um património que nos foi deixado e que devemos preservar, não só pela sua qualidade, mas também pela sustentabilidade genética. Numa vinha velha na RDD, para além da idade dessa mesma vinha, da sua sistematização, das castas nela existentes, acrescentaria ainda a actual preocupação quanto ao granjeio dessas vinhas. Estas vinhas têm uma diversidade genética fantástica, lembro aqui a “Flor do Douro”, sinonímia local que os mais velhos atribuíam à actual Touriga Francesa. Também o Bastardo, o Rufete, a Tinta Carvalha, a Malvasia Preta, a Tinta Francisca, o Cornifesto, entre tantas outras que juntas constituem um legado com um valor inigualável. A profundidade das suas raízes é imensa, exploram o subsolo e conferem maior resistência ao stress hídrico, com o qual a videira sofre tanto no período estival. Os cuidados que devemos ter com estes vinhedos são necessariamente mais exigentes desde a sua poda de Inverno às intervenções em verde. Além do solo, clima, localização, a boa adaptação das diferentes castas é que lhe conferem o verdadeiro “terroir”. Sabemos que uma vinha velha, como já foi referido em vários artigos, é uma vinha menos produtiva e apresenta cachos mais pequenos com bagos mais reduzidos que poderão produzir vinhos de qualidade superior, mas tudo tem um preço. O cultivo destas vinhas neste tipo de sistematização de terreno é muito caro. Se estas vinhas competirem com as vinhas mais recentes, muito mais produtivas, com três ou quatro castas e mecanizadas, se não se diferenciarem em preço, esta vinha tem cada vez mais tendência a desaparecer. Além de se perder mais uma vinha velha, perde-se também o património genético existente nessa mesma vinha e por consequência na região. É por tudo isto que estas vinhas devem ter uma classificação diferenciada, para que continuem a ser acarinhadas e não desprezadas.

COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO S.A.
INSTITUÍDA POR ALVARÁ RÉGIO DE 1 756

TAMBÉM DENOMINADA



REAL COMPANHIA VELHA

Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto
Exmo. Senhor Presidente Prof. Gilberto Igrejas
Rua Ferreira Borges 27
4050-253 PORTO V. N. Gaia,

8 de Novembro de 2019

Exmo. Senhor Presidente,

No seguimento do Conselho Interprofissional de ontem e na expectativa que a análise e discussão sobre as propostas para a classificação das vinhas velhas possa ter trazido à luz novos aspectos a ter em consideração, tomo a liberdade de vir à Sua presença, no sentido de sensibilizar o Instituto que V. Exa. superiormente dirige, para que a posição do IVDP possa ser reconsiderada de forma a abranger os importantes factores culturais e históricos que essas parcelas representam na viticultura Duriense.

Para o efeito, permitia-me elencar as considerações mais significativas da minha intervenção em defesa dos critérios que, salvo melhor opinião, devem presidir numa reflexão sobre a classificação de vinhas velhas da Região Demarcada do Douro.

Nessa perspectiva, a classificação de Vinhas Velhas, para além da preocupação qualitativa e reputacional para a Região, deve ter em conta a extraordinária e irrepetível diversidade de material vegetativo que representam, o enquadramento territorial, arquetónico e paisagístico na qual estão inseridas e como tal, uma incontornável referência ao ano de 1965 como um marco histórico na vida da Região Duriense.

O Decreto-Lei 46256 desse Ano suspendeu o plantio de vinha na região do Douro, suspensão essa que perdurou até 1979, época em que foi introduzido no Douro um novo conceito de sistematização do terreno, conhecido pelos patamares dos "famosos" PDRITM de má memória.

Esse período negro para a viticultura Duriense que destruiu uma importante parte do legado da região e que caracterizou o afunilamento da diversidade de castas e a redução significativa de densidade nas plantações, contrasta com o período de instalação de vinha até 1965, que inegavelmente representa a época de ouro da Região, pois foi nesse período, pós-filoxérico, que foram construídos os emblemáticos socacos suportados por muros de pedra posta que moldaram a majestosa paisagem Duriense, tal como a conhecemos hoje e que levou ao reconhecimento da UNESCO.

Para além da valorização que se pretende dar às uvas provenientes dessas vinhas velhas, pela sua complexa singularidade e pelo reconhecimento dos determinantes contributos qualitativos que sempre deram às categorias especiais de Vinho do Porto, não deveremos deixar de ter em consideração outros importantes elementos estratégicos associados às parcelas em que estão implantadas, nomeadamente de natureza:

- Histórica — pela época e pelos meios empregues na sua plantação
- Paisagística — pela forma como moldou o território
- Turística — pela diferenciação que dão à Região
- Comercial — pelo reconhecimento e imagem de valor a dar ao produto

- Financeira — pela coerência de virem a ser criados programas específicos de apoio à sua preservação

Estamos perante uma oportunidade única de proteger e valorizar factores produtivos da Região e será um erro não aproveitar esta oportunidade em todas as suas vertentes, para criar um novo nicho de mercado devidamente remunerador.

Tratar o assunto como mais uma norma a acrescentar à regulamentação da rotulagem e das menções autorizadas ou de meramente definir o nível qualitativo dos seus vinhos, será perder essa excelente oportunidade de criar nos DOC Douro uma designação que no futuro poderá vir a desempenhar um papel tão importante para os vinhos do Douro, quanto os Vintage tiveram para o Vinho do Porto.

Os vestígios do passado são peças essenciais para o conhecimento da vida do homem em determinado local e determinantes para a compreensão das actividades aí desenvolvidas.

De sublinhar que existem por este País fora sítios arqueológicos bem menos interessantes do que os imponentes socacos Durienses, exemplarmente executados e com uma arquitectura digna de figurar em qualquer compendio da especialidade.

Esses verdadeiros monumentos, com absoluta necessidade de se estabelecerem condições para a sua salvaguarda e dinamização turístico-cultural, através de uma apropriada investigação, que preenchendo uma gritante lacuna na região, seja capaz de relatar todos os meios envolvidos na histórica construção dessas parcelas de vinha e que essa informação sirva, também para valorizar e divulgar as características ímpares das uvas e dos vinhos nelas produzidos.

Não podemos, nem devemos, ignorar a enorme riqueza paisagística e patrimonial de que o Douro Vinhateiro dispõe nessas parcelas de vinhas velhas e que a ausência de medidas concretas levarão inevitavelmente à sua progressiva extinção.

Por outro lado, temos consciência que, na situação actual, essas mesmas parcelas de vinha velha, por manifesta falta de rentabilidade, constituem um significativo ónus para os seus proprietários viticultores, pelo que importa criar rapidamente e através de medidas endógenas ao sector e no âmbito das competências do Conselho Interprofissional, factores de valorização para a lavoura local e que constituam também elementos de diversificação/complementaridade da oferta turística, nomeadamente através da criação e promoção de uma apetecível "rota das vinhas velhas" implantadas em parcelas com interesse histórico, cultural e paisagístico.

Na esperança que os demais líderes do Sector possam ser igualmente sensibilizados para não permitirem que seja cometido, por omissão de medidas apropriadas, um enorme erro estratégico na nossa região do Douro, apelo à reflexão do exposto e disponibilizo-me para qualquer contributo que possa acrescentar a esta causa.

Creia-me com a maior consideração pessoal.

Atentamente,

Pedro Silva Reis

Esta carta, conforme cronologia, foi enviada após o último Conselho Interprofissional, no qual a Federação Renovação Douro, defendeu a solução proposta pela ProDouro nas diversas reuniões do grupo de trabalho criado para o estudo desta questão.

Austrália
Old Vine Chart



Old Vine
Idade ≥ 35 anos



Survivor
Idade ≥ 70 anos



Centenarian Vine
Idade ≥ 100 anos

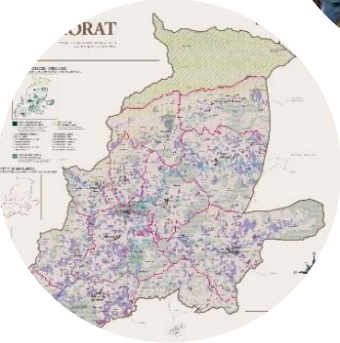


Ancestor Vine
Idade ≥ 125 anos

Castas
Grenache e
carignan



Vinha
plantada até
1945 com
pelo menos
75 anos



Priorato

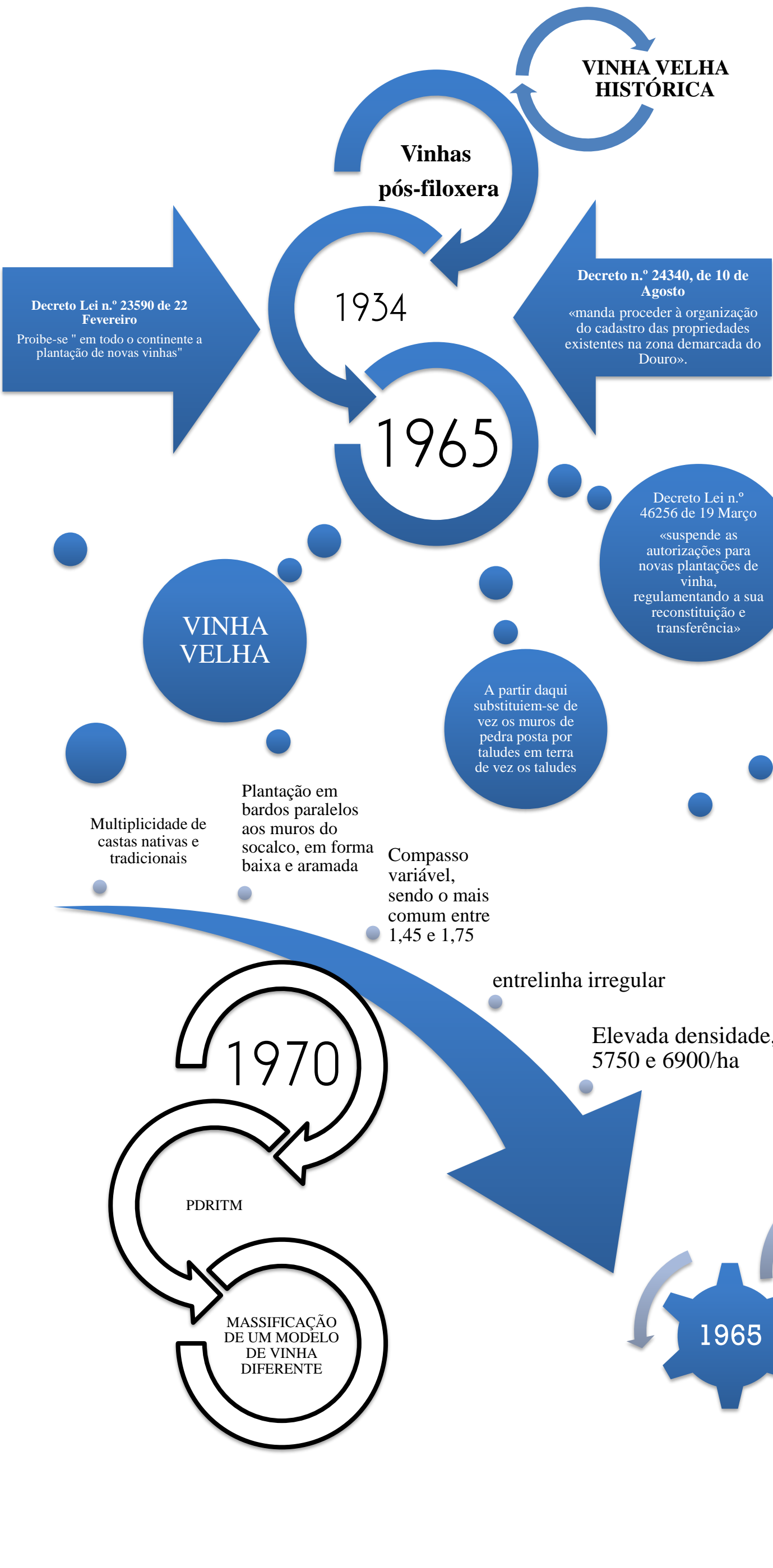
A VINHA VELHA NO MUNDO

Um pouco por todo o mundo vitícola a definição de vinha velha está na ordem do dia.

Seleccionamos-lhe dois casos de estudo suficientes para perceber que o caminho seguido na viticultura de planície (exemplo: Barossa Valley, Austrália) é bem diferente daquele seguido na de montanha e/ou em forte declive (exemplo: Priorato, Espanha). Quem estranha que o critério "idade da vinha" prevaleça sobre qualquer outro em Barossa Valley? E quem não se rende à inteligência do Priorato em distinguir um modelo singular de viticultura relacionado com a vinha velha?

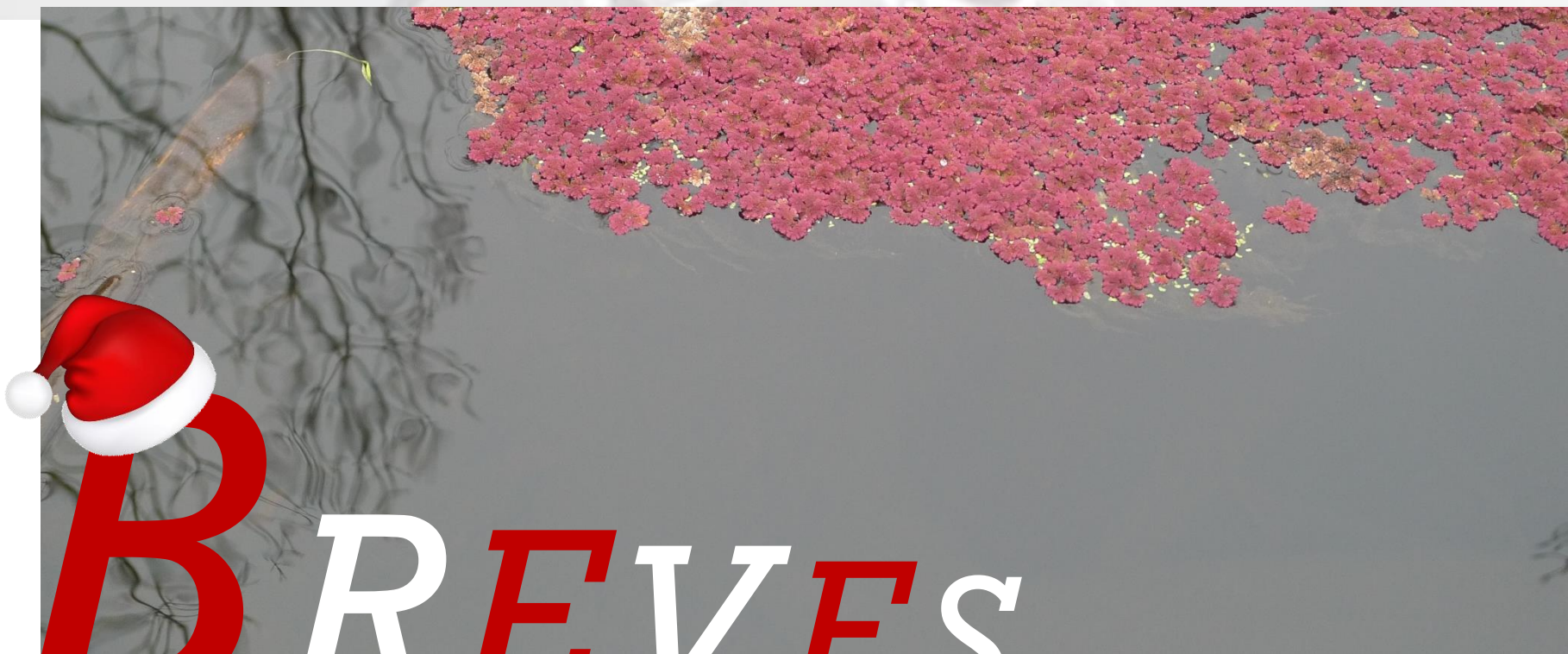
Se estudar os casos propostos, há de mais facilmente compreender que uma vinha velha no Douro foi plantada até 1965. Foi a partir daí que substituímos os muros de pedra posta por taludes em terra, reduzimos as variedades de uva e alargamos a distância entre videiras de feição à onda de mecanização. Aqui e no Priorato houve um ano a partir do qual alteramos radicalmente o nosso modelo viticultura. Aqui, como lá, houve um ano a partir do qual, tudo mudou e não há dúvidas que o que interessa preservar é o que sobreviveu desse tempo com o qual ainda temos muito para aprender. A vinha velha encerra em si um conjunto valioso de informação que não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar.





Nós por cá...

Olhando novamente para os nossos congéneres estrangeiros, damos conta da preocupação que têm em conhecer o seu território e de quanto este conhecimento prévio facilitou o avanço nas decisões que tomaram já, na classificação dos seus vinhedos. A Austrália, por exemplo, actualizou recentemente o seu cadastro através de uma tecnologia denominada Geospatial Artificial Intelligence for Agriculture (GAIA) fazendo um scan a toda a região e obtendo imagens de satélite em alta-resolução. Neste momento conseguem determinar com exactidão quantos Km de linha de videiras por ha possuem e onde (por curiosidade, também nós entendemos que a melhor maneira de exprimir a densidade é em km de sebe de videira por hectare, mas sobre isso falaremos noutra altura). Prevê-se a evolução deste sistema para que no futuro consiga identificar castas mas em breve vai ser lançada uma app que permite aos viticultores e aos enólogos identificar e classificar as suas próprias parcelas. Em paralelo, a África do Sul criou um site onde se apresenta uma solução similar, fornecendo uma lista de todos os vinhedos e da sua classificação facilitando o trabalho e no fundo o encontro de viticultores e enólogos. Torna-se por demais evidente a falta que faz, não conhecermos devidamente o nosso território. É fundamental conhecer as vinhas da região e o seu potencial, é imperativo sabermos ao certo que castas se estão a plantar. Não temos outra forma de saber se estamos a caminhar na direcção certa. Não podemos trabalhar no vazio. É urgente actualizar o Cadastro Vitícola, conhecermos ao pormenor a nossa “casa” para a podermos arrumar da melhor maneira possível.



PRODOURO
INTEGRA
PAINEL DE
COLÓQUIO

“Douro: Que Caminhos Para uma Viticultura Sustentável?”

Foi com grande prazer que a Prodouro, na pessoa do seu presidente, Eng.º Rui Soares, participou neste colóquio. Louvamos a iniciativa e esperamos poder continuar a contribuir para a descoberta de novas soluções para o Douro e para uma viticultura de futuro.



COMITÉ DE COMBATE AO GRANIZO REUNE COM
SELERYS

O recém-formado COMITÉ DE COMBATE AO GRANIZO (CCG) vai reunir-se no próximo dia 6 de Janeiro de 2020 com a SELERYS, empresa comercial detentora do método LAICO (<https://www.youtube.com/watch?v=TgiLj4R8Als>). Recordamos-lhe o CCG ser formado actualmente por nós, PRODOURO, UTAD, ADVID e adegas cooperativas de FAVAIOS e SABROSA. Na reunião a SELERYS irá defender perante o Comité o seu método, bem como os resultados obtidos até agora e novidades a anunciar. Os membros do Comité estão empenhados em concretizar o projecto já em 2020 na área piloto Pinhão-Sabrosa-Alijó, triângulo geográfico especialmente atingido por fenómenos de granizo na última década. O Comité continua o estudo comparativo entre o método proposto pela ANELFA <http://www.anelfa.asso.fr/> e o da SELERYS <https://selerys.fr/>, mas muito preocupado com o modelo de financiamento do projecto.

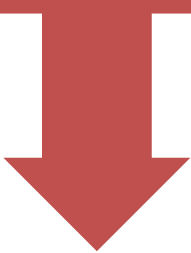
Em 2019 a PRODORO registou por iniciativa própria os fenómenos de granizo ocorridos, bem como manteve em funcionamento os 30 granizómetros que controla directamente (Tabela 1).

Tabela 1: Registo de Fenómenos de Granizo em 2019 (recolha da ProDouro)						
Mês	Dia	Hora	Freguesia	Concelho	Registo em Granizómetro	Gravidade
Abril	6	11.30	Ervedosa do Douro	S. J. Pesqueira	Sim	Sem gravidade
Abril	6	15 (16)	Vale Figueira	S. J. Pesqueira	Sim	Sem gravidade
Abril	7	16/17		Sabrosa	Sim	Sem gravidade
Julho	8	16.30/17.30	Muxagata e Chãs	V. N. Fozcoa	Não	—
Julho	8	?	Longroiva	Meda	Não	Cachos e folhas afetadas
Julho	8	16-17	Escalhão	Figueira de Castelo Rodrigo	Não	Cachos e folhas afetadas
Julho	13	9	Vale Figueira	S. J. Pesqueira	Sim	Sem gravidade
Julho	13	9	Vale de Mendiz	Alijó	Sim	Sem gravidade
Julho	23	17/18.	Feixo-Espada-à-Cinta + Poiães	Feixo-Espada-à-Cinta	Não	Cachos e folhas afetadas; alguns viticultores estimaram 20% da produção afectada.



Leia a [aqui](#) o artigo publicado na revista Voz do Campo sobre o Combate ao Granizo.

IMPLEMENTAÇÃO DO TAQ VOLUNTÁRIO poderia ser favorecida através do Vitis, caso se adoptasse uma majoração das ajudas para os viticultores que recorrem a tais materiais de plantação. Seria um sinal que o sector estaria a dar no sentido positivo da luta preventiva contra algumas doenças que atingem a cultura da vinha.



RESCALDO DA REUNIÃO COM A DGAV
SOBRE O TAQ

Mantemos o elogio ao elevado profissionalismo com que a Engª Paula Cruz tem vindo a conduzir este assunto. Tendo-nos sido enviada a síntese da reunião com o pedido de tomada de posição por parte da ProDouro quanto à matéria em questão, tivemos oportunidade de responder em coerência com o que temos vindo a defender desde 2016. Assim, face aos cenários apresentados na reunião de dia 17/10, a ProDouro encontra-se actualmente no 4º cenário (tratamento voluntário, a pedido do viticultor). Conforme temos mencionamos em diversas ocasiões, somos defensores que se deveria caminhar no sentido do 1º cenário, isto é, que

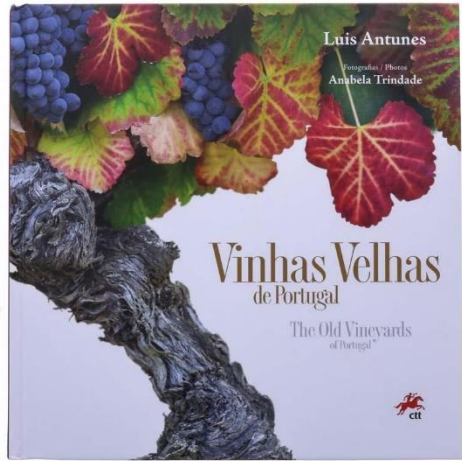
fosse obrigatório o TAQ para todas as plantas vitícolas utilizadas em Portugal. Todavia, de modo a que a implementação deste procedimento seja gradual achamos que numa fase transitória se deveria adoptar um sistema voluntário com reconhecimento e controlo oficial (2º cenário), pela mais-valia que representa para os viticultores aderentes. Por outro lado, tendo em conta as possíveis implicações que o TAQ representa para o sector viveirista, defendemos igualmente que sejam definidas regras e deveres de ambas as partes (viticultor e viveirista) no momento da encomenda de materiais sujeitos a TAQ (ex. antecedência mínima para compra de materiais TAQ, compromisso do viticultor de compra da

totalidade de materiais sujeitos a TAQ). A ProDouro está disponível para colaborar nesse processo de estabelecimento de um caderno de encargos. Reiteramos a importância do planeamento de decisões no que respeita à encomenda e reservas de materiais de plantação (especialmente enxertos-prontos). É fundamental que os viticultores se habituem a encomendar plantas com a devida antecedência, pelo que quanto mais cedo forem conhecidas as decisões de candidatura (programa Vitis) mais fácil se torna proceder às encomendas em devido tempo. A indisciplina do cronograma Vitis perturba irremediavelmente a profissionalização da actividade e a obrigatoriedade do TAQ não consente essa indisciplina costumeira.



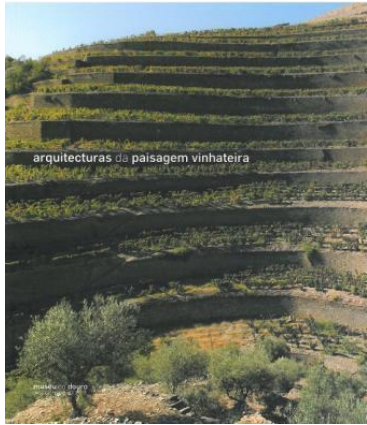
SUGESTÕES DE LEITURA

Neste livro, o autor vai «ao encontro de grandes vinhos provenientes de grandes vinhas, daquelas em que cada videira poderia ter um nome próprio, a tal ponto faz parte da família, e é acarinhada como tal».



Conservadas por várias gerações, estas vinhas velhas, algumas seculares, guardam segredos que Luis Antunes nos revela através da sua escrita vivaz, sensorial e fluída. A recolha fotográfica de Anabela Trindade complementa este belíssimo trabalho

Autor: Luis Antunes
Fotografia: Anabela Trindade
Tradução: Gabriela Pilkington
Design: AF Atelier
Dimensões: 24,5 X 24,5 cm
Tiragem: 8000 exemplares
Páginas: 260
 Contém 4 selos e 1 bloco da emissão Vinhas Velhas 2016
Edição bilingue
ISBN: 978 – 972-8968-78-6



Arquiteturas da Paisagem Vinhateira
 org. Museu do Douro;
 coord. Natália Fauvrelle;
 coord. cient. e textos Lúcia Rosas;
 fot. Egídio Santos, Marco Aurélio Peixoto, Museu do Douro; des. Lúcia Azevedo; cartogr. Instituto Geográfico do Exército, Miguel Nogueira.
 1ª ed. - Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2008.
 174, [1] p.: il.; 28 cm. - Bibliografia, 168-169. - ISBN 978-989-95183-4-6



Arquiteturas da Paisagem no Alto Douro Vinhateiro
 Ref. 100010110

Autor (es)/Responsabilidade (es): Natália Fauvrelle (coord.); Egídio Santos (fotogr.)
 Publicação: Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2013
 Desc. Física: 219 p.
 ISBN: 978-989-8385-10-9

https://www.gildsomm.com/public_content/features/articles/b/kelli-white/posts/old-vines-new-world

<https://www.hudin.com/velles-vinyes-doq-priorat-releases-the-most-stringent-old-vines-definition-in-spain-maybe-the-world/#>

<https://www.barossawine.com/vineyards/old-vine-charter>

<http://oldvineproject.co.za/how-sas-old-vine-project-is-saving-lost-vines-for-the-future-the-buyer/>

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/>

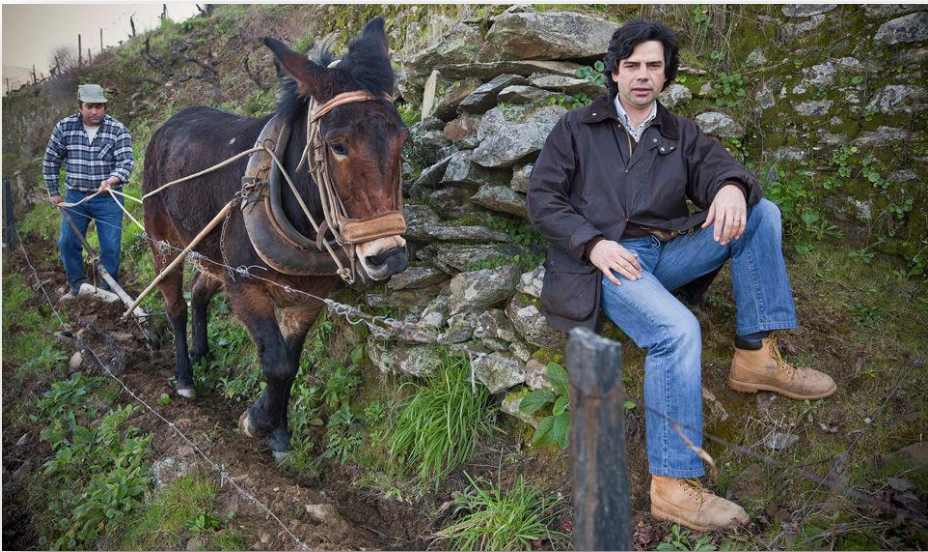
<http://www.icomos.pt/>

VINHA-VELHA

A PAIXÃO PELO DOURO AO SERVIÇO DE UMA CAUSA

Álvaro Martinho Lopes

Quem conhece o Álvaro Martinho sabe que por baixo daquele “ar mafarrico” existe uma paixão sem tamanho pelo Douro. Quem já o ouviu falar, sabe que para ele, TUDO, desde a planta que perfumou o ar à sua passagem ao pássaro que chilreou, levantado pelo barulho do restolho, é importante na construção desta magnífica unidade bio diversa onde todos nós temos a sorte de trabalhar e viver. Quando o tema é o Douro, as palavras brotam em profusão e todo ele se aplica na descrição, ao mais ínfimo pormenor, daquilo que nas suas palavras é como “uma gema de ovo”, ou seja, uma concentração única de factores que está muito perto da perfeição. Em resposta à Notícias Magazine, o “viticultor paisagista” diz caminhar “calmamente para uma viticultura do passado” e a ProDouro sabendo quão profundo é o seu sentimento pela vinha velha, não o podia deixar de fora desta edição tão especial. O seu lendário entusiasmo deixou-nos na expectativa do artigo, mas confessamos que mesmo assim, nos apanhou de surpresa quando recebemos três páginas do mais puro amor pela causa. Aconselhamos vivamente a leitura atenta deste [testemunho](#) de alguém que como nós, tem o Douro na Alma.



Fotografia retirada do artigo “O Viticultor Paisagista” Notícias Magazine.2014 e por baixo Fotografia de Álvaro Martinho

DOURO, UMA OBRA PRIMA DE AUTOR ANÓNIMO



OBRIGADO

A David, Carlos e Álvaro pelas suas palavras e acima de tudo pelo trabalho desenvolvido na região.
Aos sócios ProDouro por estarem atentos e prontos a defender o que mais interessa.
Aos proprietários destas vinhas por as terem deixado chegar aos nossos dias, apesar de todas as dificuldades.



**FELIZ
NATAL
E
PRÓSPERO
ANO NOVO
2020
São
OS
VOTOS
DA
PRODouro**